



## **VOZES DE CARUARU: UM ESTUDO DA CIDADE ATRAVÉS DAS MÚSICAS DE ONILDO ALMEIDA**

Hellen Danielly Soares  
Mestranda em História pela  
Universidade Federal de Pernambuco  
Bolsista pela FACEPE  
email: [hellendaniellyg@gmail.com](mailto:hellendaniellyg@gmail.com)

O município de Caruaru, situado na região agreste do estado de Pernambuco, ostenta uma singularidade ao ser considerado como uma das cidades mais mencionadas em músicas. Embora esse "reconhecimento honorário" careça de validação devido à ausência de um registro apropriado, a cidade acumula um acervo de mais de mil e quinhentas composições que a mencionam tanto de maneira direta quanto indireta, conferindo-lhes a condição de documentos relevantes para compreender a localidade. O propósito central deste estudo é colocar em destaque as composições de Onildo Almeida, cantor e compositor nativo de Caruaru. Essas composições emergem como uma rica fonte historiográfica, de considerável relevância, para a investigação do município, proporcionando uma visão de suas intencionalidades e representações. Esse enfoque ganha uma dimensão ainda mais significativa ao abordar o período compreendido entre as décadas de 1950 e 1970, caracterizado pelo marcante avanço urbano e pela efervescente cena musical local. Através da análise aprofundada das letras, dos ritmos e das composições musicais, que versam sobre a "Princesa do Agreste", busca-se estabelecer um diálogo com autores como Roger Chartier, Michel Foucault e Gilbert Durand. Esta abordagem aspira a enriquecer o âmbito dos estudos regionais, fornecendo uma perspectiva de estudo sobre o desenvolvimento histórico e cultural da urbe.

Palavras-chave: História local; Caruaru; Música

*“Essa cidade que não se elimina da cabeça é como uma armadura ou um retículo em cujo espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar:*

*nomes de homens ilustres, virtudes, números, classificações vegetais e minerais, datas de batalhas, constelações, partes do discurso”*

(Italo Calvino, *As cidades invisíveis*)

### **Introdução:**

A cidade se revela como um intrincado labirinto de elementos tangíveis e intangíveis. Compreender a cidade transcende a mera cartografia de suas infraestruturas e a análise de seu patrimônio; significa, igualmente, mergulhar em um universo repleto de sonhos, anseios, saudades e ressentimentos, entre uma infinidade de outros sentimentos que permeiam a vida daqueles que a idealizam e a retratam.

Cidades sonhadas, desejadas, temidas, odiadas; cidades inalcançáveis ou terrivelmente reais, mas que possuem essa força do imaginário de qualificar o mundo. Tais representações foram e são capazes de até mesmo se imporem como as ‘verdadeiras’, as ‘reais’, as ‘concretas’ cidades em que vivemos. Afinal, que chamamos de ‘mundo real’ é aquele trazido por nossos sentidos, os quais nos permitem compreender a realidade e enxergá-la desta ou daquela forma (Pesavento, 2007)

Dessa forma, as cidades são (re)significadas por seus cidadãos ao longo do tempo. Isso não é diferente no caso do município de Caruaru, localizado na região agreste do estado de Pernambuco. Princesa do Agreste, Capital do Agreste, Terra Dos Avelozes e Terra dos Condé são apenas alguns nomes pelos quais a cidade é conhecida. Essa terminologia, longe de ser uma mera coincidência ou ingenuidade, revela intencionalidades, disputas sociais e discursivas, uma busca por firmar uma identidade caruaruense.

Dessa forma, uma variedade de personalidades em Caruaru, sejam nativas ou adotadas, contribuiu para a construção da identidade da cidade por meio de seus contos, crônicas, romances e músicas. Santos (2008) destaca, em particular, escritores como Limeira Tejo, os irmãos Condé e Nelson Barbalho como figuras fundamentais nesse processo. Esses intelectuais desempenharam um papel significativo na disseminação da imagem de Caruaru por todo o Brasil, tornando-se verdadeiras representações da cidade.

Devido à abundância de obras disponíveis, e também por afinidade, este estudo se direciona ao campo da música, mais precisamente às composições do renomado cantor e compositor caruaruense Onildo Almeida. O objetivo desta pesquisa é demonstrar como as músicas de Onildo Almeida podem servir como uma valiosa ferramenta para explorar a cidade de Caruaru, revelando vestígios e o imaginário do passado.

Versar sobre toda a produção de Onildo, mais de quinhentas músicas gravadas, seria uma missão impossível devido ao tempo e espaço que me cabem. Dessa forma, tornou-se necessário tomar decisões. Decidi por escolher o disco que o lançou como compositor, gravado por Luís Gonzaga em junho 1957, lançado com um nome genérico, apenas mostrando seus dados técnicos, o RCA VICTOR 80-1793.

Com mais de 100 mil cópias vendidas em alguns meses, o disco foi considerado um grande sucesso para a época. Por ser um modelo mais antigo de disco, com 75 rpm (rotações por minuto), o disco continha apenas duas gravações, com a faixa "Feira de Caruaru" no lado A e "Capital do Agreste" no lado B, ambas explorando a cidade de Caruaru como tema central.

Para enriquecer a reflexão sobre o estudo da cidade por meio da musicalidade, utilizarei conceitos, por mim considerados fundamentais para tal reflexão, tais como "Representações", pensado pelo historiador francês da cultura, e "Poder" pelo filósofo também francês Michel Foucault.

### **A cidade e a música:**

A cidade é um espaço de sociabilidade, de (des)encontros, parafraseando o professor Antônio Paulo Rezende (2016). Ela é palco de lutas sociais e vivências profundas. Muitas são as representações que a retratam, seja na literatura, na música, no teatro e em diversas outras esferas, contribuindo para a constante recriação desse ambiente urbano.

Ação humana de re-presentar o mundo - pela linguagem, pelo discurso, pelo som, pelas imagens e, ainda, pela encenação dos gestos e pelas performances -, a representação dá a ver- e remete a - uma ausência. Ela é, em síntese, um "estar no lugar de". Com isso, a representação é um conceito que se caracteriza por sua ambiguidade, de ser e não ser a coisa representada. (Pesavento, 2008)

Como reflete Sandra Jatahy Pesavento (2007), "A cidade não é mais considerada só como um *locus* privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais."

Refletir sobre a cidade por meio da música é mergulhar em um universo repleto de representações e do imaginário de uma determinada época. Segundo Marcos Napolitano (2005) o Brasil se configura como "uma das grandes usinas sonoras do

planeta” se tornando assim, “um lugar privilegiado não apenas para se ouvir música, mas também para pensar a música”.

Não há memória que se efetive sem o recurso às imagens mentais (Pesavento, 2007). As representações nos conduzem a construir uma constelação de associações. É como quando ouvimos "Garota de Ipanema" de Tom Jobim e imediatamente evocamos o Calçadão de Copacabana, ou quando escutamos "Frevo Mulher" de Zé Ramalho e somos instantaneamente transportados para as festas carnavalescas da capital pernambucana.

Dessa forma, se torna extremamente rico refletir sobre as intencionalidades dessas representações. A representação está associada a um certo modo de “ver as coisas”, de dá-las a ver, de reconfigurá-las. Um exemplo de reconfiguração das representações é a trajetória do samba em nosso país.

Como um gênero de origem na cultura africana, o samba enfrentou a criminalização até a década de 1920, quando foi incorporado por Getúlio Vargas em seu projeto de construção da identidade e nacionalidade brasileira na década de 1930. Com isso, o samba se tornou um dos símbolos da "brasilidade", como apontado pela historiadora Lilia Schwarcz (2012), indo da repressão à exaltação, e passou a ser reconhecido como um traço fundamental da cultura brasileira, merecedor de exportação. No entanto, é importante destacar que esse samba exaltado passaria por um processo de desafricanização para ser aceito.

Percebe-se assim que as representações estão longe de se configurar como algo neutro como bem evidencia o historiador francês Roger Chartier (1990):

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

Da mesma forma que Durval Muniz (2011) discute em sua obra "A Invenção do Nordeste e Outras Artes" que a região Nordeste do Brasil foi moldada por meio de práticas discursivas em diversas esferas, desde o âmbito político até o artístico, quando se canta sobre uma cidade, manifesta-se um desejo. É como se a cidade se apresentasse ao mundo.

As relações de poder perpassam todo esse processo pois, como defende Foucault (1979), o poder não está vinculado a uma instituição ou a um personagem em específico, ele perpassa por toda a esfera social e institui “regimes de verdade”.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros..., os meios pelo qual cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o *status* daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro. (Foucault, 1979)

Ao reconhecer que a música está imersa em um contexto social, podemos apreender sua capacidade de gerar mudanças. As canções espelham as vivências e os anseios de uma determinada época, assim como as dificuldades e necessidades enfrentadas pelas comunidades. Elas possuem o poder de moldar atitudes, despertar consciências e estabelecer conexões de identificação entre aqueles que as ouvem.

O imaginário abrange o conjunto de representações, imagens, símbolos e ideias que formam o domínio do imaginário social em um grupo, sociedade ou cultura seguindo a perspectiva do filósofo Gilbert Durand (1998). Neste estudo, demonstro como as composições musicais que abordam a localidade, nesse caso as de autoria de Onildo Almeida, também têm a capacidade de estabelecer padrões de verdade. Desta forma, Caruaru é retratada como a "Capital do Forró", um lugar de festa e tradição, da feira e do barro, elementos que se incorporam ao imaginário social.

### **Um das vozes de Caruaru: Onildo Almeida**

Caruaru é considerada uma das cidades mais homenageadas na música em todo o mundo, atualmente existem mais de mil músicas que falam sobre ela catalogadas por Doutor Leite, um entusiasta caruaruense do ramo. Neste estudo, poderíamos destacar uma variedade de talentosos músicos, incluindo Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga, Azulão, a Banda de Pífanos, Dominginhos, Fulô de Mandacaru, entre muitos outros, que de maneiras distintas contribuíram para representar essa cidade.

No entanto, é fundamental destacar que, como afirmado por Certeau (1982), "meu patoá representa minha relação com um lugar". Portanto, as escolhas sobre o estudo são influenciadas pela experiência pessoal e o local social do historiador. Optei por Onildo Almeida devido à sua vasta obra e à proximidade com o compositor, um caruaruense sempre acessível para conversas e compartilhamento de suas histórias.

Onildo Almeida nasceu em 13 de agosto de 1928, atualmente contando com 95 anos, na cidade de Caruaru. Nascido em uma família de comerciantes e produtores de café, a música sempre desempenhou um papel ativo em sua vida pois era muito incentivado pelo pai que adorava música, integrando diversos grupos desde tenra idade e começando a compor já aos 13 anos.

Apelidado pelos tropicalistas de "Groove man" devido à sua habilidade de compor em diversos ritmos, Onildo teve aproximadamente 585 de suas composições gravadas, muitas delas por artistas em destaque no cenário musical brasileiro, como Marinês, Gilberto Gil, Luiz Gonzaga, Gal Costa, Elba Ramalho, Caetano Veloso, entre outros renomados intérpretes.

É notável que, apesar de ter se consagrado como um compositor muito procurado e de renome, Onildo Almeida tenha viajado por todo o país, mas nunca tenha residido em nenhum outro lugar além de Caruaru. São nove décadas de vida na mesma cidade, testemunhando suas mudanças materiais e as representações que dela emergem. Por isso, enfatizo a relevância de suas composições para um estudo historiográfico da cidade pois, segundo José Geraldo Vinci de Moraes (2000):

Sons e ruídos estão impregnados no nosso cotidiano de tal forma que, na maioria das vezes, não tomamos consciência deles. Eles nos acompanham diariamente, como uma autêntica trilha sonora de nossas vidas, manifestando-se sem distinção nas experiências individuais ou coletivas. Isso ocorre porque a música, a forma artística que trabalha com os sons e ritmos nos seus diversos modos e gêneros, geralmente permite realizar as mais variadas atividades sem exigir atenção centrada do receptor, apresentando-se no nosso cotidiano de modo permanente, às vezes de maneira quase imperceptível.

Assim como um habilidoso tecelão, é função do historiador entrelaçar os fios da história por meio dos vestígios, e, nesse contexto, as composições musicais desempenham um papel crucial. Embora essas interações com a música possam ocorrer de maneira sutil, elas refletem intencionalidades, ações humanas, e não apenas do compositor, mas também do imaginário de uma determinada época.

### **“Quem nunca foi já ouviu falar”**

Vou começar este tópico com uma citação da música "Capital do Forró" do Trio Nordestino, lançada em 1980. Apesar de não ser uma composição de Onildo, acredito que essa frase exemplifica o poder das representações na construção da cidade de Caruaru, uma vez que "As representações são a presentificação de uma ausência, em que o representante e representado guardam entre si relações de aproximação e afastamento" (Pesavento, 2008). Assim, a cidade se torna conhecida mesmo para aqueles que nunca a visitaram, graças às músicas.

Como mencionado anteriormente, Onildo Almeida teve um envolvimento precoce com a música, já na adolescência integrou conjuntos musicais e chegou a ganhar o festival de música para o Carnaval de Pernambuco em 1955 com sua composição "Linda

Espanhola". Apesar de sua participação ativa no cenário musical, inclusive trabalhando em diversos setores das rádios de Caruaru, foi com a composição "A Feira de Caruaru" que ele se destacou, passando a ser conhecido como o "homem da feira" e recebendo diversas homenagens que perduram até os dias atuais.

O disco "RCA VICTOR 80-1793" foi lançado por Luiz Gonzaga em 1957, através da gravadora RCA Victor. Esse fonograma de 78 rpm incluía apenas duas faixas, ambas abordando a cidade de Caruaru. No lado A, encontrava-se "A Feira de Caruaru", uma composição de Onildo Almeida, enquanto no lado B estava a canção "Cidadão do Agreste", escrita por Onildo Almeida em parceria com Nelson Barbalho. A voz de Gonzaga, voz consagrada do baião e muito ouvido na época, junto com uma composição de Onildo, com rima fácil e ritmo dançante fez com que o disco batesse recordes nacionais existentes, vendendo mais de cem mil cópias em apenas dois meses (IPHAN, 2009) e muito mais posteriormente.

"A Feira de Caruaru" foi composta e gravada pelo próprio Onildo Almeida em 1956 mas, somente em 1957, na voz do Rei do Baião que ela se transformaria em um sucesso regional, nacional e internacional.

A Feira de Caruaru  
Faz gosto a gente ver  
De tudo que há no mundo  
Nela tem pra vender  
Na feira de Caruaru

Tem massa de mandioca  
Castanha assada, tem ovo cru  
Banana, laranja, manga  
Batata, doce, queijo e caju  
Cenoura, jabuticaba  
Guiné, galinha, pato e peru  
Tem bode, carneiro, porco  
Se duvidar inté cururu

Tem cesto, balaio, corda  
Tamanco, gréia, tem cuêi-tatu  
Tem fumo, tem tabaqueiro  
Feito de chifre de boi zebu  
Caneco alcoviteiro  
Peneira boa e mé de uruçu  
Tem carça de arvorada  
Que é pra matuto não andar nu

Tem louça, tem ferro velho  
Sorvete de raspa que faz jaú  
Gelada, cardo de cana  
Fruta de palma e mandacaru  
Bonecos de Vitalino  
Que são conhecidos inté no Sul  
De tudo que há no mundo  
Tem na Feira de Caruaru

Essa composição, caracterizada por seus versos que rimam com “Caruaru” ao terminarem em “u”, tornou-se um imenso sucesso, a ponto de a cidade ser amplamente associada à sua feira, o que acabou por fortalecer sua economia e reputação, atraindo visitantes curiosos. Segundo o Dossiê 9 do IPHAN (2009), “hoje em dia, é impossível quantificar quantos intérpretes entoam essa música, sendo reconhecida em mais de 34 países”.

Além de ter destacado a cidade, a música também serve como uma espécie de portal que nos permite enxergar, por meio de vestígios, o passado. Seja pela linguagem utilizada ou pelos produtos mencionados, conseguimos, de certa forma, vislumbrar como era a feira em 1957 e até mesmo a vida das pessoas daquela época.

No documentário “Onildo Almeida: *Groove Man*”, que o homenageia no aniversário de 60 anos dessa composição tão famosa, Onildo fala sobre a “calça de alvorada”, citado na letra mas que, porém, não é mais vendida na feira dos dias atuais. Era uma peça de vestuário semelhante ao nosso jeans, mas feita de um tecido mais espesso, disponível em cores cinza ou anil. Os habitantes da zona rural a compravam para usar por longos períodos, “o ano todo”, pois sua resistência a tornava ideal para o trabalho no campo. Eles lavavam-a na sexta para ir à feira no sábado, um costume muito diferente do nosso modo atual de vestir, que envolve o uso de várias peças de roupa (Onildo, 2017).

Ao virar o disco na vitrola, podemos ouvir a faixa “Capital do Agreste”, uma composição conjunta de Nelson Barbalho e Onildo Almeida, encomendada por Luiz Gonzaga para celebrar o centenário da cidade. Nessa canção, testemunhamos a construção narrativa da cidade, que é exaltada a cada minuto da música. Ela narra a jornada da cidade, desde seu início como fazenda Cururu até se tornar a Capital do Agreste, citando vários personagens da mesma.

Quem conhece o meu Nordeste  
Certamente há de saber  
Que Caruaru, de bonito  
Há cem anos veio nascer

De fazenda Cururu  
Povoado se tornou  
Foi crescendo, foi crescendo  
E à Vila, logo chegou  
João Vieira de Melo  
Coronel Cabra da Peste  
Da vila fez a cidade  
Hoje Capital do Agreste  
Oh!Cidade encantadora

Terra do Major Dandinho  
Neco Porto, João Guilherme

O saudoso Vigarinho  
O progresso foi tão grande  
Tudo, tudo evoluiu  
Tem escolas, tem abrigos  
Também Hospital Infantil  
As igrejas são tão lindas  
Habitantes, mais de cem mil  
Pedaço de Pernambuco  
Orgulho do meu Brasil

Oh! Cidade Centenária  
Caruaru!  
És bonita, és lendária  
Caruaru!  
Teus caboclos tão cantando  
Não há terra como tu  
Quem tá longe, tá chorando  
Longe de Caruaru  
Caruaru, Caruaru  
Caruaru, Caruaru } bis

Gostaria de frisar novamente o poder da música em transmitir mensagens de forma nem um pouco ingênua como bem nos faz refletir José Moraes (2000): “

além de suas características físicas e das primeiras escolhas culturais e históricas, os sons que se enraíza na sociedade na forma de música também supõe e impõe relações entre a criação, a reprodução, as formas de difusão e, finalmente, a recepção, todas elas construídas pelas experiências humanas

Em 18 de maio de 1957, Caruaru celebrava seu centenário, um marco significativo na história da cidade. Havia um desejo fervoroso de demonstrar a grandiosidade de Caruaru em diversas esferas da sociedade. É comum encontrar inúmeros materiais que a exaltam nos jornais da época, seja através de poemas, artigos memorialísticos, músicas, e até mesmo na coluna esportiva que exaltava "Patativa do Agreste", como é conhecido o Central Sport-Club, time de Caruaru.

Na música de Nelson Barbalho e Onildo Almeida, encontramos adjetivos que destacam essa tendência de enaltecer a cidade, descrevendo-a como encantadora, lendária e um orgulho do Brasil, onde aqueles que estão distantes sentem saudades e "quem está longe está chorando" em falta dela.

É evidente o crescimento da cidade, o qual seguia a tendência do Brasil nas décadas de 1950-1960, como apontado por Silva (2010). A letra faz menção às novas construções, à evolução da cidade, ao aumento de sua população e à sua beleza, transmitindo um ideal urbano que se converte em uma representação simbólica.

É crucial destacar que ambas as músicas pertencem ao ritmo do Baião, um estilo alegre e dançante que estava no auge naquela época e era ouvido em todo o país. O ritmo também desempenha um papel importante na formação do imaginário da cidade, já que quase todas as composições que a mencionam estão inseridas nesse ritmo, o que leva a uma associação quase automática.

### **Conclusão:**

Concluir um tópico de pesquisa é uma tarefa complexa e, de maneira alguma, pretendo fazê-lo de forma definitiva. O estudo das relações entre música e sociedade é semelhante a um caleidoscópio, pois oferece uma visão em constante transformação, onde não existe uma perspectiva unificada. Em vez disso, há uma riqueza de interpretações e ângulos a serem explorados, tornando o campo de estudo multifacetado e dinâmico.

O trabalho que apresentei aqui, como mencionado anteriormente, é apenas uma pequena amostra em relação à vasta produção de Onildo Almeida. Ele representa apenas o ponto de partida em um vasto oceano de possibilidades de pesquisa.

Uma análise comparativa pode ser uma abordagem valiosa, permitindo a comparação das composições de Onildo Almeida com outras músicas da mesma época ou de outros compositores. Isso auxiliaria na identificação de tendências, influências e características distintas na música regional nordestina.

Além disso, considerar uma ampliação geográfica seria uma possibilidade interessante. Isso envolveria expandir o escopo da pesquisa para incluir outras regiões do Nordeste ou até mesmo do Brasil. Dessa forma, seria possível explorar como as músicas de Onildo Almeida se relacionam com outras cidades e contextos culturais, demonstrando como sua música transcende fronteiras geográficas e culturais.

Essas ampliações não apenas enriqueceriam a pesquisa, mas também contribuiriam para uma compreensão mais completa das complexas interações entre a música e a sociedade em Caruaru, bem como em âmbitos culturais mais amplos. Elas permitiriam uma visão mais abrangente da influência de Onildo Almeida na música brasileira e nas diversas comunidades que ele alcançou com suas composições.

### **Referências:**

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BARROS, José D'Assunção. *História e música: considerações sobre suas possibilidades de interação*. *História & Perspectivas*, Uberlândia, v.58, jan./jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Dossiê IPHAN 9 – Feira de Caruaru*. Brasília, DF, 2009.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BURKE, Peter. *A escrita da História, novas perspectivas*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A Operação Historiográfica*. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CRUZ, Maria Nazaré da. *Imaginário, imaginação e relações sociais: reflexões sobre a imaginação como sistema psicológico*. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 35, ed. Especial, Dez 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GILBERT, Durand. *O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais. morfologia e história. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBBSAWM, Eric J. História social do jazz. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

LEAL, Marcelo. Onildo Almeida: O cidadão da "feira". Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

MAGALHÃES, W. L. O imaginário social como um campo de disputas. albuquerque: revista de História, v. 8, n. 16, p. 92-110, 30 dez. 2016.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. Rev. Bras. Hist, São Paulo, n. 39, ed. 20, 19 out. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882000000100009>.

ONILDO Almeida: Groove Man. Produção: Helder Lopes, Naira Cândido. Intérpretes: Onildo Almeida; Gilberto Gil; Junio Barreto; Maciel Melo e respectivas bandas. Roteiro: Helder Lopes. Caruaru-PE: Viu Cine, 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xijp03S1HCE&ab\\_channel=3MEditora](https://www.youtube.com/watch?v=xijp03S1HCE&ab_channel=3MEditora). Acesso em: 12 set. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. Revista Brasileira de História, vol.20, n°39, Jun 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (org.). Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural. 1ª. ed. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

REZENDE, Antonio Paulo. (Des) encantos modernos: histórias da Cidade do Recife na década de vinte. 2. ed. Recife: UFPE, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SANTOS, Veridiano dos. Falas da cidade: um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram historicamente a cidade de Caruaru-PE (1950-1970). Orientador: Flávio José Weinstein Teixeira. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2008.

SILVA, José Daniel da. "Festas Bôas" de Caruaru-PE: Da Conceição à Capital do Forró (1950-1985). Orientador: Severino Vicente da Silva. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7874>. Acesso em: 13 set. 2023.

GONZAGA, Luiz. RCA VICTOR 80-1793. Compositor: Onildo Almeida; Nelson Barbalho. Intérprete: Luiz Gonzaga. [S. l.]: RCA Victor, 1957. Disponível em: <https://discografiabrasileira.com.br/disco/98929/rca-victor-80-1793>. Acesso em: 14 out. 2023.